



© Pieter Vandermeer

# PAULO TEIXEIRA

(Mozambique, 1962)

[Saturday 9 November 2002]

**Paulo Teixeira was born in what is now called Maputo, Mozambique. He is seen as the most important member of the generation of Portuguese poets who made their début in the 1980s. Portuguese poetry has been melancholy at all times, and more so in times of crisis.**

Writing in the 16th century, when Portugal's colonial empire was near dissolution, Camões saw little hope for the future of civilization. The young poets of the 1980s display a similar pessimism in the face of a Europe on the verge of collapse. In often elegiac forms their poetry revives pre-war fears of an imminent 'Decline of the West'. Paulo Teixeira ranks first among these poets of European decline, the reviewers of a civilization which in its long history has brought only war and destruction.

For Teixeira an almost obsessive awareness of the passage of time heightens his sense of desolation when looking at the present. His apocalyptic vision finds expression in poems like '*De temporum fine comoedia (I)*' and '*Waiting (2)*', in which he demonstrates how television trivializes evil into an everyday banality. In '*The Head of State*' the protagonist sees his country ravaged, depopulated and laid waste, as a '*Troy without epic*'. In '*Waiting (3)*' the elegiac tone with its frequent use of the subjunctive brings echoes of the odes of Fernando Pessoa's heteronym Ricardo Reis. Compare, for instance, Teixeira's '*Now let us stay in bed, the here and now will / soon be part of the beginning*' with Reis': '*Let us free our hands, why should we tire ourselves*', or '*Let us remind ourselves . that life / goes by and . never comes again.*'

In *Waiting* (1997) as in most of his work, Paolo Teixeira presages with poignant accuracy the present state of Europe.

© August Willemse (Translated by Ko Kooman)

[Paulo Teixeira took part in the Poetry International Festival Rotterdam 1999. This text was written on that occasion.]

---

## POEMS

**ADAM (ADÃO)  
BIOGRAPHICAL ZONE  
DE TEMPORUM FINE COMOEDIA  
DEUS ABSCONDITUS  
ELEGY  
FULGET CRUCIS MYSTERIUM)  
LAUDATOR TEMPORIS ACTI  
ROSARY  
THE CHILDREN  
THE LAST ROMAN POET**

### **Adam**

You sit on the threshold of days  
with only the politeness of your gestures.  
A window opens your life onto the landscape,  
cliffs where for a moment your gaze lingers  
under the arched vault of the sky, whose eyelids  
  
lower for you at night, before sleep comes.  
If only there weren't the moon, lying  
at your side like a corpse! In vain  
your arms swing against its gleaming sword  
as if dreaming to deny the world around you:  
  
the leaves that break the air to speak with you  
an alphabet, the wind that weaves lace  
over the sea, a willow that bends  
its knee as if for the office of eventide,  
and reeds that weigh wishes as they idly bow  
  
to you who arrive and depart, without words,  
as an owl's beak probes the darkness.  
Why speak? All is already known to the steps  
you shed over the childhood of these paths,  
scanning the future in the stars on high.

### **Adão**

Estás sentado na soleira dos dias  
só com a cortesia dos teus gestos.  
Uma janela abra à paisagem a tua vida,  
fragas onde repousas um momento o olhar  
sob o arco de abóbada do céu, ele que por ti  
  
fecha à noite as pálpebras, antes do sono.  
Se pudesses não ser sob a lua, dormindo  
a teu lado como um cadáver! Em vão  
esgrimem os teus braços a espada da sua luz  
como quem sonha negar o mundo à sua volta:  
  
as folhas que instituem para contigo falar  
um alfabeto, o vento que se dedica a trabalhos  
de renda sobre o mar, um salgueiro que dobra  
os joelhos como pelo ofício das tardes  
e os juncos que vacilam uma vontade na vénia  
inútil  
  
a ti que chegas, a ti que partes, sem palavras,  
o bico de um mocho indicando as trevas.  
Para quê falar? Já tudo sabem esses passos  
que derramas sobre a infância dos caminhos,

Why write your name there? No one will miss you in the certainty of a world you cannot come back to – you, the guest of honour at the grand finale of everything, waiting to join with the rest your ashes in the fire.

© Translation: 1997, Richard Zenith

## Biographical Zone

Now that the world has slipped like a ball from out of god's hands to cross through spaceless night, we know death is waiting like a meal at our table. We surrender our lives to the luck of each minute and run from hill to hill as a song would run, pushed by the wind.

The train window, polished by ice and fire, displays the familiar wastes (look at the far ashes and fresh blood of twilight).

This was the world, Alma, this the image I retain in my lungs when inhaling. If the air escapes from my mouth I know I've lost everything, it's another world, and I, believe me, am its witness.

All we have left is our memory of things touched and deleted on the map of poignant absence: Prague, Hamburg, Leipzig, Vienna, that dusky biographical zone where we let go of the past and lost the schedule of the future.

© Translation: 1997, Richard Zenith

perscrutando a sina das estrelas no alto.

Para quê inscrever aí o teu nome? Ninguém sentirá a falta, na certeza de um mundo a que não podereis regressar, tu, convidado de honra para assistires ao fim de tudo, esperas unir aos outros no incêndio as tuas cinzas.

© 1991, Paulo Teixeira  
From: *Inventário e despedida*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## Zona Biográfica

Agora que o mundo deslizou como uma bola das mãos de deus e cruza a noite vazia dos espaços sabemos que a morte nos espera disposta como uma refeição à nossa mesa. Rendemos à sorte de cada minuto as nossas vidas e corremos de monte em monte como correria uma canção levada pelo vento.

A janela do comboio desenha, alisada pelo gelo e o fogo, as ermas paisagens conhecidas (ao longe, vê, a cinza e o sangue novo do crepúsculo).

Alma, era este o mundo, a imagem que retenho, ao inspirar, nos meus brônquios. Quando o ar se evadir da minha boca sei que perdi tudo, é outro o mundo e sou eu, crê-me, a sua testemunha.

Nada nos resta senão lembrar as coisas tocadas e suprimidas nesse mapa de ausência compassiva: Praga, Hamburgo, Leipzig, Viena, essa obscura zona biográfica onde largámos o passado e perdemos a pauta dos horários futuros.

© 1991, Paulo Teixeira  
From: *Inventário e despedida*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## **De Temporum Fine Comoedia**

1

You loom in the doorway with your waxen face,  
flamboyantly clutching your necklace  
like a shield against one more suburban joke.  
“Rehearsing for the museum?” I thought to  
shoot.

The order of the day is to retreat in haste  
and to salute everything with a last hurrah.  
Drums are rolling, dear, as in olden times, drunk  
with blood, calling us to the sacrificial rite.  
There’s something ancestral and terrifying  
about the face the television promises, look,

in the middle of its ominous harangue.  
No comment. We don’t have kneeling pads  
at home, and if you lean out to the umbrellas  
along  
the shore, we know security is your preferred  
dream.  
You go to the balcony as an eyewitness of the  
fires  
inevitably blazing in the distance.

I see how fear chisels in you a statue  
with veiled gaze and a speechless,  
expressionless face, withdrawn into you,  
the most recondite hiding place of all.

2

Together now, happy if we hear a racket  
in the distance, we look at each other,  
for the promise is fulfilled, the ritual  
sacrament conferred on us by time.

What should we do, you ask. Hoist the sails  
or dig a mine shaft in the floor, deserting  
who we are as we descend time’s tunnel  
to reach the world’s antipodes?  
Swallow a pill or let ourselves go,  
pushed by the wind, beneath the eaves?

You cannot, in a final rapture, take anything.  
You’ll be the prey, on that crucial day,  
of all you desired and lose, without appeal,

## **De Temporum Fine Comoedia**

1

Assomas no arco da porta com teu rosto de cera  
e seguras o colar num gesto extravagante,  
defendida de mais uma piada suburbana.  
“Espera-te o museu”, ia dizer, numa derrisão  
fatal.

A palavra é recolher sem perda de tempo  
e tudo receber com uma última aclamação.  
Rufam tambores, querida, como nos tempos  
antigos, ébrios de sangue, chamando-nos  
à cerimónia sacrificial. O rosto que nos promete  
o televisor, vê, tem algo de ancestral e terrífico

quando o vemos a meio da fatídica arenga.  
Mutismo. Em casa não temos almofada de  
joelhos  
e a segurança, já o sabemos, é o teu sonho  
preferido,  
se te debruças para os toldos e a linha da água.  
Vais até à varanda como testemunha ocular dos  
fogos  
que se acendem, inelutavelmente, na distância.

Vejo como o medo em ti cinzela uma estátua  
de olhar velado e face muda, inexpressiva,  
recolhida, como estás, dentro de ti,  
ao esconderijo mais abstruso de todos.

2

Chegados um ao outro, felizes se ouvimos  
um ruído clamoroso na distância, olhamo-nos,  
pois cumprida é a promessa, o sacramento  
de ordem com que fomos investidos pelo  
tempo.

Que fazer, perguntas. İçar o velame  
ou escavar em casa a galeria de mina,  
desertando os dois, por um fuso horário,  
na descida para os antípodas do mundo?  
Tomar um revulsivo ou deixarmo-nos ir,  
movidos pelo vento, sob a aba dos telhados?

Nada poderás levar, num último arrebatamento.  
Tu mesma serás presa, na tarde momentosa,

under mob rule or some praetorian order, sentenced to biblical logic and the resignation of Roman existence.

All you have today is your face's imitation in the mirror. And that's all you'll have to defend  
in the hour when God's creation rebels (and beyond  
your gaze – look! – there's still the whole world . . .).

© Translation: 1997, Richard Zenith

de quando foi desejo teu e perdes sem apelo sob a lei da plebe ou uma qualquer ordem pretoriana, sentenciada ao motivo bíblico e à resignação de uma existência romana.

Hoje tens só a imitação do teu rosto no espelho. E nada mais te cumpre defender à hora de sublevarem-se as obras de Deus (além do olhar, vê, tens ainda o mundo inteiro . . .).

© 1997, Paulo Teixeira  
From: *As esperas e outros poemas*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## Deus Absconditus

God is for you an inscrutable dream  
behind the simulated window  
in which you've hidden the sky.

Exposed to His predatory stare,  
you've withdrawn from Him like creatures that sleep  
among branches that shake, remembering the wind.

Hanging from the lives of saints,  
He was evicted from the space you inhabit.  
He even wavers in the face He shows.

God the flip side of all things,  
a patience exactly equal to your age,  
blindly ranges over Hades, swaying  
  
in his hazy groping, anxious to stake out territory,  
His chest sunken from having coughed out the universe  
and His hands grabbing stars by the fistful.

God-the-dregs-of-Himself, at day's end:  
a wound opened by the fury of lawless beasts  
and the dampers of belching chimneys.

© Translation: 1997, Richard Zenith

## Deus Absconditus

Deus é para vós um sonho incompreensível,  
atrás da janela simulada  
em que vos esconde o céu.

Expostos ao Seu olhar de rapina,  
dele vos ausentastes como quem dorme entre ramos que se movem numa lembrança de vento.

Dependurado na vida dos santos,  
evacuado foi do espaço que habitais.  
Vacila na ostensão própria de um rosto.

Deus do avesso de todas as coisas,  
uma paciência do tamanho da vossa idade,  
passeia às cegas sobre o Hades, embalado num tentar difuso, numa ânsia de marcar fronteiras,  
peito chato de quem tossiu o universo e as estrelas recolhe no punho, às mãos-cheias.

Deus-despojo-de-si-mesmo, pela tarde:  
chaga aberta à fúria das bestas proscritas e ao registo de fumo das chaminés.

© 1994, Paulo Teixeira  
From: *Patmos*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## Elegy

Our homes don't lodge the future. It gets lost among the trees and midnight. Naked like a sprawling province past the trench of windows, it speaks of today's tarnished gold and of the meaning won in things lost, which, chewing on time's passage, hold up against grief the conduit of our lives.

We remember childhood's tiny oracles, the dreams filed away in memory's dark archives, when in the buzzing silence we plumb the past's evasive soul. We seek in yesterday a compensation, knowing there's no other man for the man of this place,

no cleaner blood flowing in the flesh of the just born, his true pastoral death. It's time for the harvest, for the far-off portents heralded by autumn's trumpets. Words, the trembling branches of words, sense the spirit of revelation in each thing.

We weep the final feast of these moments, days of a faithful fog cover our steps, veiling these hands that long to climb to heaven like stairs. If I knew the simple language of tribute, I'd sing the foreseeable fall in time for the poem to end as an elegy.

© Translation: 1997, Richard Zenith

## Elegia

O futuro não o guardamos em casa, perde-se disperso entre a meia-noite e a folhagem. Nu, exposto como uma província além da trincheira das janelas, fala-nos do ouro puído destes dias, desse sentido ganho nas coisas que se perdem, salivando a passagem das horas, sustendo contra a dor o dreno das nossas vidas.

Lembramos os pequenos oráculos da infância, os sonhos que são memórias já na sua escura torre do tombo, ao intimarmos, no sossego povoado, a evasiva alma do passado. Buscamos no ontem uma recompensa, sabendo que não há outro homem para o homem deste lugar,

sangue mais limpo correndo pela carne de quem nasce, a sua genuína morte pastoral. Eis chegado o tempo da ceifa, dos presságios de longe trazidos no rumor das trompas outonais.

As palavras, os trémulos ramos das palavras, pressentem o espírito da revelação em cada coisa.

Assim choramos a festa última dos instantes, dias de uma neblina fiel cobrem-nos os passos, obscurecendo essas mãos que gostariam de subir ao céu como escadas. Se conhecesse a linguagem fácil do tributo cantaria a queda adivinhada a tempo de o poema terminar na forma de uma elegia.

© 1991, Paulo Teixeira  
From: *Inventário e despedida*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## Fulget Crucis Mysterium

These are the house's cards. The hoisted sails depart over the vast shield of waters, writing the joys of an indifferent world. No joy is lost that's been engraved in the wrinkles of an unsuspecting face, the perfect reflection of a body alert to the audacity of stars on high, to the brief indulgences of love and innocence: exhausted, the body awaits the cross (nails, thorns) that ascends it by the rivers of lusty flesh.

Write, earnest singer, the text of total privation, love, in this air too heavy to breathe: sculptures of human lava like far islands of smoke, in thirsty and impoverished tropics. Depart over the ocean's open consonants, reinventing the hearty laugh, the good omen, the blue world.

© Translation: 1997, Richard Zenith

## Fulget Crucis Mysterium

Estas são as cartas de casa. Soltas as velas que partem sobre o grande escudo das águas a escrever as alegrias do mundo indiferente. Nada se perde dessa alegria gravada nas rugas de um rosto desprevenido. A visão perfeita de um corpo atento à ousadia das estrelas no alto, às breves complacências do amor e da inocência: espera, exausto, o corpo a cruz que lhe sobe (pregos, espinhos) pelos rios da carne venal.

O texto da privação absoluta escreve, o amor, sob o ar irrespirável, ó diligente cantor: esculturas de lava humana como ilhas de fumo na distância, sob trópicos da penúria e da sede. Parte sobre as consoantes abertas do oceano a inventar de novo o riso fácil, o bom presságio, o mundo azul.

From: *Conhecimento do Apocalipse*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## Laudator Temporis Acti

Chafed because she breathes a noxious air, Europe, wallowing in baths and banquets, addicted to rhetoric and taunts in homage to Aretino, continues to venerate millenary statues of Hermes and Diana, carved-wood Christs and sensual Madonnas without fearing in the least the old conspiracy of plague and hunger which so often brought her down.

Delighting in the view of her domains,

## Laudator Temporis Acti

Entregue a verbenas e banhos, a Europa, agastada porque respira um ar nocivo, entre o hábito da retórica e apodos em honra de Aretino, vai adorando estátuas milenares a Hermes e Diana, Cristos em talha, sensuais Madonas, sem nada recear, o velho conciliáculo entre fome e peste que a levou tantas vezes à submissão.

Deleitada à vista dos seus domínios

like the lord of a castle's battlements,  
she runs her eyes over the smooth plains  
noting, over here, a Franciscan monastery  
with its vow of poverty dotting the landscape  
and, other there, a cathedral where angels  
trapped in stone, perfectly still,  
cast their frozen gaze to what, below,  
perishes or shrinks in fatality and impenitence.

© Translation: 1997, Richard Zenith

como senhor das ameias de um castelo  
derrama o olhar pela lisura das planícies  
assinalando, aqui, um mosteiro franciscano  
com o seu voto de abstinência na paisagem,  
ali, uma catedral onde anjos se imobilizam  
na pedra, sem gestos,  
e dirigem uma atenção gelada ao que, em baixo,  
perece ou se contrai em fatalidade e  
impenitência.

© 1994, Paulo Teixeira  
From: *O rapto de Europa*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## Rosary

My lips tell the lament of your distant voice,  
a medal I wear on my chest, not forgotten  
by the snow that wafts in my soul under a sky  
dripping its light of melted wax.

Body raised on the cross, without eyes  
for the last tear, hands travel over  
the white stone of your face and linger  
before your lips, the silence.

Smoke and whistles of farewell dig tunnels  
in the landscape. I look at the lamplight hanging  
over the Neva, the river's eternal fog, and I sing  
a penny of life under the alamo, by the prison  
walls.

Summer doesn't enter the book of memories  
of your face, my son who flies through  
windows;  
your life is lost like an icon  
in its frame. It's not I who still awaits you,

conserving the warmth of your hands in mine;  
madness inscribes in verse the delirium  
of dreaming you, a shadow breathed by the  
afternoon  
when the wind blows in Tsarskoie Selo.

In my eyelids sinks the world,  
a tear. To the flesh streaked by light

## Rosário

Soluça ao longe a tua voz, na minha boca,  
a medalha que trago ao peito, não a esquece  
a neve, o frio que vai na alma, sob um céu  
que escorre a sua luz de cera derretida.

Corpo erguido para a cruz, sem olhos  
para a lágrima derradeira, passeiam as mãos  
pela branca pedra do teu rosto e quedam-se  
ante os teus lábios, o silêncio.

O fumo, as sirenes do adeus escavam túneis  
na paisagem. Olho a lanterna imóvel sobre o  
Neva,  
a névoa eterna sobre o rio, e canto um céntimo  
de vida sob o álamo, junto aos muros da prisão.

Não conhece verão o livro de lembranças  
do teu rosto, filho meu em voo pelas janelas,  
perde-se como um ícone na moldura  
a tua vida. Não sou eu já quem te espera,

sustendo nas minhas o calor das tuas mãos:  
a loucura escreve num verso o vão delírio  
de sonhar-te, tu, sombra, murmurada pela tarde  
quando passa o vento em Tsarskoie Selo.

Naufraga nas minhas pálpebras o mundo,  
uma lágrima. A essa carne raiada na morgue  
pela luz leio a fiada de contas do poema.  
A memória é a casa que me deixaste, na Sibéria.

in the morgue I recite the beads of my poem.  
Memory is the house you left me, in Siberia.

© Translation: 1997, Richard Zenith

© 1991, Paulo Teixeira  
From: *Inventário e despedida*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## The Children

These children wouldn't have wanted to be born.  
They skate over the ice deep into the woods,  
calling up miracles with their gaze, seeking  
a face in the dim light of cafés. Each finger  
is a talisman protecting them from the moon's  
phase

and from the toll of bells in the high tower.  
Alone, they're old like the hours of a clock dial.  
With their voice they disclose another power,  
invisible but suggested by shadows and fear,  
the city at night hanging in their arms.

© Translation: 1997, Richard Zenith

## As crianças

São crianças que não gostariam de ter nascido.  
Patinam sobre o gelo até ao fundo do bosque,  
convocando milagres com o olhar, buscando  
um rosto na baça luz dos cafés. Cada dedo  
é um amuleto a guardá-las do quarto da lua

ou do rebate dos sinos no alto da torre.  
Sós, são velhas como as horas no quadrante.  
Denunciam com a voz um outro poder,  
invisível, sugerido pelas sombras e o medo,  
a cidade à noite suspensa de seus braços.

© 1997, Paulo Teixeira  
From: *As esperas e outros poemas*  
Publisher: Caminho, Lisboa

## The Last Roman Poet

As waves break over the beaches  
and cannons boom beyond the city walls,  
he asks for one fleeting, indulgent hour  
in an inviolable place,  
shielded by the muse's wings and the sibyl's  
words  
like an actor gone backstage.

Forgetting the dream of a laurel-crowned head  
and the couches that cradle the last Epicurean  
souls,  
he longs only for adverbial quiet – not a sound  
–  
in which all might be preserved, in the ambit of  
his art,  
with the lightness of a quill passing over paper.

## O último poeta romano

Enquanto rebentam as ondas junto às praias,  
e há troar de canhões além dos muros da cidade,  
queria o direito a uma hora indulgente e fugaz,  
num espaço inviolável,  
guardado pelas asas da musa e os provérbios da  
sibila  
como o actor recolhido aos bastidores do teatro.

Esquecidos os sonhos da cabeça adornada por  
folhas de louro  
ou os canapés onde se alongam as últimas almas  
epicuristas,  
num sossego adverbial, em que nada mais  
ouvisse,  
tudo ele pudesse guardar, no âmbito da sua arte,  
com a leveza que deixa a pluma ao roçar o  
papel.

That each word, purified, rolling on the tongue  
like a host, might have the authority of a  
garland  
or royal seal  
and press the world he knew into a hedge  
as everything degenerates and collapses around  
him.

In this work of falconry applied to time past,  
writing reminds him of the notches the prisoner  
cuts in the wall of his cell to count the days,  
knowing what will come: the slipknot of the  
gallows  
or a shot fired straight into his brain.

Aware that all his work will now suffer  
dispersion,  
he wants to save, consoling and sufficient,  
a word on the face of a future stele.

© Translation: 1997, Richard Zenith

Purificada, ao salivá-la como hóstia sob a  
língua,  
cada palavra tivesse a autoridade da grinalda  
ou do selo real  
e estreitasse numa sebe o mundo que conheceu,  
enquanto tudo se gentiliza e desmorona à sua  
volta.

Nesse trabalho de falcoaria sobre o tempo ido,  
escrever lembra-lhe os cortes feitos pela  
navalha  
do prisioneiro na parede da cela, contando os  
dias,  
certo de esperá-lo o nó corrediço da forca  
ou o tiro disparado de frente sobre o crânio.

Sabendo todo o seu trabalho entregue nessa  
hora  
à dispersão,  
deseja salvar, consoladora e suficiente,  
palavra sua na face de uma estela futura.

© 1997, Paulo Teixeira  
From: *As esperas e outros poemas*  
Publisher: Caminho, Lisboa

---

## ARTICLES

### ***Gravitas Poetica in the Work of Paulo Teixeira***

January 18, 2006

**Paulo Teixeira's poetry is unique in the Portuguese panorama for being intensely concerned with Europe's history and destiny. Teixeira, as this article explains, isn't exactly despairing, but he's not especially optimistic either. His poems, often melancholy in tone, continually question whether the world has made any real progress.**

The relatively frequent use of Latin in the titles of Paulo Teixeira's poems is an immediate tip-off that we're dealing with the serious business of Western Civilization, which, to be sure, is in trouble. The barbarians – Hitler, Stalinism, American and other imperialisms, the capitalist imperative – have razed history and our sense of belonging, the assumptions on which our cultural values and

human dignity were founded. At mid-century in the heart of Europe, many people were left with only a “memory of things touched/ and deleted on the map of poignant absence” (in ‘Biographical Zone’), but even those of us who escaped the gas chambers, the gulags, and Yugoslavian nationality, have become exiles in our own lands, being left with language, with Latin –poetry, declaration, inquiry, song – as our refuge and tenuous means of salvation. The future is in the past, time itself having been pillaged of meaning. Adam will be “the guest/ of honor at the grand finale of everything.”

Latin is not a dead language, just a displaced one. A remarkable survivor, it had a dynamic written life for over a thousand years after its cultural and historical cradle had been made into firewood, and even today it actively contributes to our spoken languages, being a privileged source for new vocabulary. Latin, which is memory, renews the present. But how far and deep can this renewal reach?

The notion of progress has been rather cruelly mocked by the violence and repetitiveness of historical events. We’ve learned all too well that today’s problems are ‘renewed’ versions of yesterday’s. This is also the meaning of the Latin titles, and of the historical stage sets created for certain other poems. ‘The Last Roman Poet’, with the appearance of an anachronistic bullet, suggests that nothing much has changed in one and a half millennia. Now, as then, poetry is like “the notches the prisoner/ cuts in the wall of his cell to count the days” – a pastime, in other words, with little or no power to influence the world. But maybe it can be a useful end in itself, a salvation for those who practice it, a Latin in our exile. There is no clear way out of our grimly cyclical history, but the poet’s duty (in ‘Fulget Crucis Mysterium’) is to sing “the text of total/ privation, love, in this air too heavy to breathe,” on the hope of “reinventing/ the hearty laugh, the good omen, the blue world.”

Latin also recalls the Church, or what used to be the Church, and the Christian God, who some say is dead, though such a large and intangible reality never dies: it merely suffers displacement and/or is transformed. God is hidden (in ‘Deus Absconditus’), because we have withdrawn from him, we have evicted him. Or because we created a God that was too inhuman, “the flip side of all things.” Or because, on the contrary, we awkwardly tried to bring what can never be more than “an inscrutable dream” into the realm of human apperception. Whatever the case, our God could not withstand the “lawless beasts” and “belching chimneys” that graced the pages of twentieth-century history. We must change our life – our communal, historical life – and we must change our God. Rilkean angels won’t do the trick. And maybe nothing else will either.

I could attempt to place Paulo Teixeira’s work in the context of recent Portuguese poetry, but it would be a forced effort, and arbitrary. In the face of an apocalypse, and this is what his poetry confronts, national distinctions count for little. Teixeira’s poetic locus is Europe – geographically, conceptually, culturally, historically and philosophically speaking – and though his poetry denotes a wide breadth of reading in Portuguese and European poetry, his style is hard to trace. At the risk of belaboring the Latin metaphor, I have to say that this poet’s syntax has a compact, almost cramped quality reminiscent of Horace’s language, and the quality is extremely appropriate in the many poems that depict stuffy, oppressive atmospheres.

In the current landscape of European and American poetry, Teixeira’s work is unusual (and, I think, refreshing) for not being about Paulo Teixeira. As in Cavafy’s poetry, his narrators called ‘I’ are fictional and historical personas. (Anna Akhmatova is the speaker in ‘Rosary’, Franz Werfel in ‘Biographical Zone’.) This impersonal quality has an important Portuguese precedent in Fernando Pessoa, whose many masks were, however, all ways of exploring or enlarging himself. The same

holds true for many of Cavafy's fictional voices. Sometimes I have wondered what would result if Teixeira, without losing any of his detachment and *gravitas*, shifted focus, not to his biographical existence but to the inner world that Pessoa, for lack of a better term, called his soul. I have also wondered if this soul isn't, like Rilke's angels, a trick: a way to avoid addressing the issue of our common human destiny. Teixeira has so far showed no signs of relenting.

Adapted from an article published in *The Literary Review* (USA), Fall 1999.

© **Richard Zenith**

---

## BIBLIOGRAPHY

### Links

Paulo Teixeira on [Lyrikline](#)